



PROTESTANTISMO DE MISSÃO NO BRASIL DO SÉCULO XIX: (RE)LEITURAS DESSE MOVIMENTO E DINÂMICA NA PERSPECTIVA DO PENSAMENTO DECOLONIAL

PROTESTANTISM OF MISSION IN NINETEENTH CENTURY BRAZIL: (RE)READINGS OF THIS MOVEMENT AND DYNAMICS IN THE PERSPECTIVE OF DECOLONIAL THINKING

PROTESTANTISMO DE LA MISIÓN EN BRASIL DEL SIGLO XIX: (RE)LECTURA DE ESTE MOVIMIENTO Y DINÁMICA DESDE EL PUNTO DE VISTA DEL PENSAMIENTO COLONIAL

Alexandre da Silva¹

DOI: 10.54751/revistafoco.v16n7-113

Recebido em: 26 de Junho de 2023

Aceito em: 26 de Julho de 2023



RESUMO

No final do século XIX a propagação do protestantismo de missão, dos Estados Unidos para o Brasil, foi efetivada por meio do movimento migratório de evangelização, com a intenção de implantar igrejas e escolas. Esse protestantismo missionário, de cunho norte-americano, é marcado por ideologias liberais, individualistas e com caráter progressista, considerado um dos veículos mais eficazes para trazer a “modernidade” ao território brasileiro. Nesse sentido, o itinerário investigativo será norteado pela seguinte questão: esse momento histórico pode ganhar novos contornos a partir de releituras do pensamento decolonial? Buscar-se-á analisar a documentação sobre o início do movimento protestante e sua dinâmica, apresentados por Boanerges Ribeiro, Gedeon Alencar e Antônio Gouveia Mendonça, a fim de identificar possíveis narrativas de colonialidade. A metodologia a ser utilizada será a pesquisa bibliográfica e documental. Ao investigar o protestantismo de missão no Brasil do século XIX e as reafirmações do colonialismo, percebe-se que é necessário aprofundar os conceitos colonialidade do ser, do saber e do poder, tomando como base teórica os pensadores: Anibal Quijano, Walter Dignolo e Boaventura de Souza Santos. Ressalta-se que o pensamento decolonial é um convite a operar sob outra lógica.

Palavras-chave: Protestantism de missão; colonialidade; pensamento decolonial; epistemologias do sul.

ABSTRACT

At the end of the 19th century, the propagation of missionary Protestantism from the

¹ Mestrando em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Av. Pe. Cletus Francis Cox nº 1661, Jardim Coutry Club, CEP: 37714-620, Poços de Caldas – MG. E-mail: ale.kakeje@gmail.com

United States to Brazil was effected through a migratory movement of evangelization, with the intention of establishing churches and schools. This missionary Protestantism, North-American in nature, is marked by liberal, individualistic and progressive ideologies, considered one of the most effective vehicles to bring "modernity" to the Brazilian territory. In this sense, the investigative itinerary will be guided by the following question: can this historical moment gain new contours from the rereading of decolonial thought? The aim will be to analyze the documentation about the beginning of the protestant movement and its dynamics, presented by Boanerges Ribeiro, Gedeon Alencar and Antônio Gouveia Mendonça, in order to identify possible narratives of coloniality. The methodology to be used will be bibliographic and documental research. When investigating mission Protestantism in Brazil in the 19th century and the reaffirmations of colonialism, one realizes that it is necessary to deepen the concepts of coloniality of being, knowledge, and power, taking as theoretical basis the thinkers: Anibal Quijano, Walter Mignolo, and Boaventura de Souza Santos. It is emphasized that decolonial thinking is an invitation to operate under another logic.

Keywords: Mission protestantism; coloniality; decolonial thought; epistemologies of the south.

RESUMEN

A finales del siglo XIX, la propagación de la misión Protestantismo de los Estados Unidos al Brasil se llevó a cabo mediante el movimiento migratorio de la evangelización, con la intención de implantar iglesias y escuelas. Este protestantismo misionero, del sello estadounidense, está marcado por ideologías liberales, individualistas y progresistas, consideradas como uno de los vehículos más efectivos para llevar la "modernidad" al territorio brasileño. En este sentido, el itinerario de investigación se guiará por la siguiente pregunta: ¿puede este momento histórico tomar nuevos contornos, empezando por las lecturas del pensamiento colonial? Tratará de analizar la documentación sobre el inicio del movimiento protestante y su dinámica, presentada por Boanerges Ribeiro, Gedeon Alencar y Antônio Gouveia Mendonça, con el fin de identificar posibles relatos de colonialidad. La metodología que se utilizará será la investigación bibliográfica y documental. Al investigar el protestantismo de una misión en Brasil del siglo XIX y las reafirmaciones del colonialismo, se observa que es necesario profundizar los conceptos de colonialidad de ser, conocimiento y poder, tomando como base teórica a los pensadores: Anibal Quijano, Walter Mignolo y Boaventura de Souza Santos. Se enfatiza que el pensamiento colonial es una invitación a operar bajo otra lógica.

Palabras clave: Protesta de la misión; colonialidad; pensamiento decolonial; epistemologías del sur.

1. Introdução

Estamos diante de dois movimentos amplos e controversos, que são plurais e carregam consigo diversas ideologias. Diante dessa realidade, consideramos necessário delimitar cada um desses movimentos com base em sua especificidade e perspectiva. Faremos uma tentativa nesse sentido. No caso do protestantismo de missão, compreende-se o protestantismo americano que

chegou ao Brasil a partir da segunda metade do século XIX, sob uma perspectiva proselitista e missionária. É fundamental destacar que o protestantismo americano de missões que chega ao Brasil já não correspondia ao mesmo protestantismo da Reforma do século XVI (MENDONÇA, 2008). Desde o início da Reforma Protestante, o movimento nunca foi homogêneo, tanto em termos da doutrina soteriológica, eclesiológica, litúrgica.

Ao abordarmos a Reforma, é essencial considerar a pluralidade de movimentos surgidos na Europa do século XVI, tais como a reforma luterana, calvinista, anabatista, anglicana, entre outros. Conforme observado por Mendonça (2008), o protestantismo norte-americano foi gradativamente ganhando força após a independência política, evoluiu em um protestantismo com ênfase na salvação individual, permeado pelo liberalismo e o individualismo. Essa foi uma das principais formas de protestantismo que chegaram ao Brasil no século XIX. Alencar (2010) relata os grupos que compreendem esse movimento e suas respectivas datas de chegada ao Brasil, a vinda de missões, notadamente norte-americanas, para a fundação de denominações tradicionais como anglicana (1808), congregacionais (1855), metodista (1867), presbiteriana (1859), batista (1882), essas são as confissões que migraram para o Brasil durante esse período. É importante ressaltar, no entanto, que não temos a intenção de fornecer uma narrativa abrangente e precisa da História do Protestantismo no Brasil.

No entanto, não há dúvidas de que o protestantismo de missão teve um impacto significativo na cultura brasileira, apresentando sua ideologia e projeto missionário. Essas contribuições podem ser facilmente observadas nos campos da educação, política, economia, entre outros. Porém, surge a pergunta: para quem foram essas contribuições? Qual foi o custo para o povo brasileiro? Por que veio? O que deixaram de nos contar sobre o projeto “missionário”? Essas e outras perguntas, inspiradas por uma leitura decolonial nos permitem obter respostas que não foram fornecidas. Como o filósofo Nietzsche (2009), nos alertou em seu livro “*A Genealogia da Moral*”, devemos estar atentos não apenas ao que é dito, mas também ao que não foi dito. Do mesmo modo, as teorias decolônias nos levam a refletir e olhar as entrelinhas da história. Mignolo (2020) afirma que essa perspectiva ou narrativa “não pretende contar uma história

diferente, mas, sim, narrativas acionadas pela busca de uma lógica diferente”. As teorias decoloniais desafiam o protestantismo a repensar sua teologia, práticas e reivindicações, e por fim, repensar o protestantismo sob a ótica pós-coloniais.

2. Influências do Protestantismo Norte-Americano Século XIX, a Cultura Brasileira, um Olhar Decolonial

Neste texto, nosso objetivo é realizar uma leitura decolonial do protestantismo norte-americano que chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX, sob o pretexto de implantar suas denominações por meio das missões, e examinar as afirmativas do colonialismo em seu discurso e prática. Segundo Dutra (2021), um dos motivos que encorajam a vinda dos protestantes ao Brasil foi a Guerra da Secessão que ocorreu nos EUA entre 1860 e 1865. Essa guerra civil opôs o Norte ao Sul, sendo a questão central a manutenção da escravidão pelos sulistas e sua abolição pelos grupos do norte. A guerra civil, que durou aproximadamente cinco anos, teve como resultado a vitória do Norte. Dutra, diz que:

os sulistas ficaram inconformados, principalmente porque, quase no fim da guerra, o presidente Lincoln aboliu a escravidão. Muitos desses sulistas, ou confederados, emigraram para países onde a escravidão era ainda permitida. E como o Brasil era um destes vários vieram ter aqui. (DUTRA, 2021).

A escravidão ainda estava em vigor no Brasil, nesse período, tornado o último país da América Latina a abolir essa prática. Dutra (2021) cita pesquisadores que acreditavam que os confederados sulistas vieram para o Brasil motivados pelo ódio ao governo federal dos EUA, e pelo desejo de manter a escravidão. Eles acreditavam que seu objetivo era construir um novo império escravocrata no Brasil. Ribeiro (1973, p.103) afirma que: “após a Guerra da Secessão (1865), Sulistas inconformados interessaram-se pela emigração para o Brasil.... O interesse foi recíproco”. É importante ter em mente que a questão da escravidão gerou reflexões no protestantismo norte-americano no século XIX, já que nem todos os membros desses grupos apoiaram a escravidão. Cairns (2008), nos apresenta um cenário conturbado em torno dessa questão, que

envolvia os protestantes norte-americanos, ele cita Charles G. Finney (1792-1875), um advogado que se converteu em 1821 e se tornou reitor da faculdade de Oberlin. Finney aceitou mulheres e negros na faculdade de Oberlin e apoiou a abolição da escravidão. As igrejas enfrentaram conflitos internos e ideológicos relacionados à escravidão.

As tentativas de pôr fim à escravidão através da persuasão religiosa dividiram várias denominações. A Igreja Wesleyana (Wesleyan Methodist Church) organizou-se em 1843 à base de membros não-escravagistas saídos da Igreja Metodista Episcopal (Methodist Episcopal Church). A Convenção Batista do Sul (Southern Baptist Convention) se organizou em 1845 por causa da oposição dos batistas do norte à escravidão. No mesmo ano, fundou-se a Igreja Metodista Episcopal do Sul (Methodist Episcopal Church, South). Os presbiterianos do sul, dos grupos da Nova e da Velha Escola, separaram-se em 1857 e 1861 em virtude da escravidão e de pontos teológicos... (CAIRNS, 2008, p. 459-460).

A escravidão e o racismo, são formas de manutenção da colonialidade, sendo o racismo o meio pelo qual toda forma de colonialidade é estabelecida e sustentada, especialmente a colonialidade do Ser. Um dos métodos pelos quais o protestantismo proposto penetrou na cultura brasileira foi por meio da educação, que era considerado um dos sistemas mais modernos da época. Acreditava-se que o Brasil alcançaria a modernidade e o progresso através da proposta educacional norte-americana. No entanto, é importante questionar o que realmente é a modernidade. Borges nos traz uma breve visão a partir da compreensão das teorias decoloniais:

Modernidade, portanto, torna-se uma autonarrativa europeia que exalta a cultura branca afirmada, durante todo o colonialismo, como superior às demais culturas do planeta. A narrativa ganha amplitude com a supremacia técnica dos europeus e desenvolvimentos de processos de sedução de outras culturas. (BORGES, 2018, p. 2263).

As teorias decoloniais nos permitem ter uma nova perspectiva e compreensão das mesmas palavras que antes tinham apenas um significado. Antes do contato com essas teorias, pensávamos na modernidade apenas como avanços tecnológicos, globalização, progressos científicos, entre outros. Não se pode negar essas contribuições, porém, ao compreendermos o colonialismo, lamentamos que a modernidade também é um projeto. Cunha acrescenta que: “do ponto de vista filosófico, a Modernidade tem uma forte matriz de

individualismo e liberalismo político-econômico”. (CUNHA, 2019, p. 26). Essas reflexões nos levam a questionar o verdadeiro significado da modernidade. Cunha traz uma definição de modernidade dada por Anibal Quijano: “a conhecida modernidade, aparentemente positiva, esconde uma face oculta: a colonialidade.” (CUNHA, 2019, p. 26).

A lógica da modernidade opera em quatro domínios: econômico, político, social e epistêmico. A partir de leituras decoloniais, torna-se evidente a relação intrincada entre modernidade, cristianismo ocidental, capitalismo e exploração. Nesse sentido, não é suficiente apenas identificar a colonialidade, é necessário propor caminhos que busquem uma visão alternativa e, se preciso, romper com os sistemas de opressão e exploração. Nesse contexto, a decolonialidade se apresenta como um convite à desobediência epistêmica. Com base no que foi abordado, podemos examinar o protestantismo norte-americano que chegou ao Brasil no século XIX e relacioná-lo a três palavras-chave: colonialismo, modernidade e capitalismo, são inegáveis traços e marcas destes no protestantismo de missão. Portanto, propomos uma análise pontual da relação entre protestantismo e colonialidade, pois as teorias decoloniais nos possibilitam repensar a interação entre esses dois movimentos.

Por fim, para Goldman, não fica claro se a Guerra Civil Americana foi uma das principais causas da imigração norte-americana para o Brasil ou se eles simplesmente buscavam uma terra onde a escravidão negra ainda existisse. Ele afirma que:

é difícil dizer se a “Guerra Civil” e a “Reconstrução” foram as causas principais dessas imigrações. Pode-se, porém, afirmar que, segundo certa estimativa, dos 10.000 sulistas, aproximadamente, que deixaram os Estados Unidos depois da Guerra de Secessão, cerca de 2.000 sulistas em sua maioria radicaram-se no Brasil. Haviam perdido seus escravos, ou melhor, o estilo de vida que a escravidão lhes proporcionava. Visavam, por conseguinte, fixar-se num país onde ainda vigorava o regime econômico de sua preferência, embora alguns dos que os chefiavam já tivessem previsto que também no Brasil a escravidão estava prestes a exigir-se. (GOLDMAN, 1972, p. 10).

Em decorrência disso, nos deparamos-com a seguinte questão: a guerra civil nos Estados Unidos dividiu o protestantismo em relação à manutenção ou abolição da escravidão? Não obstante, não devemos nos enganar ao pensar que

houve uma polarização massiva entre Norte e Sul. Goldman (1972, p. 36) menciona que não houve um “sólido Sul” a favor da escravidão, nem um “sólido Norte” totalmente contrário à escravidão. É certo que apenas uma pequena parcela de brancos sulistas estava diretamente ligada ao sistema escravista. Esse mesmo dilema era vivido pelo protestantismo norte-americano. Ribeiro narra o dilema enfrentado pelos missionários norte-americanos e pelas juntas missionárias que enviavam e mantinham missionários no Brasil.

Tanto os missionários como a Junta de Missões, em Nova Iorque (dividida a igreja pela Guerra Civil, os missionários são agora mantidos pela “Igreja do Norte”, a Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos da América) não têm dúvidas de que a fase exploratória terminou. (RIBEIRO, 1981, p. 51)

Ao analisarmos a citação acima, percebemos que havia consciência da exploração tanto no Norte como nos “suis globais”, mantendo um olhar colonizador sobre a produção desses povos, seus conhecimentos e seus corpos. No mínimo, o protestantismo do século XIX falhou em identificar e denunciar os mecanismos que geraram exploração, miséria, desigualdade e injustiças. O Cristianismo, em sua essência, é um instrumento de libertação, como mencionado por Mondin (1980) na História do Cristianismo. No início, o Cristianismo, foi um poderoso fermento de libertação e continuou sendo ao longo dos séculos mantendo-se fiel ao exemplo e aos exemplos do fundador. Mondin fala do Cristianismo como um meio poderoso de libertação, acredita-se que o protestantismo deveria seguir esse mesmo princípio, já que está intrinsecamente ligado ao Cristianismo. Esse é o caminho a ser trilhado pelo protestantismo, o que implica em uma análise decolonial para articular o paradigma da interculturalidade com a decolonialidade.

3. Protestantismo de Missão: Traços e Marcas da Colonialidade do Poder e do Ser

Não temos a intenção de fornecer respostas definitivas e resolver a questão em si, mas sim de buscar os principais traços e marcas de colonialidade presentes no protestantismo norte-americano que chegou ao Brasil no século XIX, quiçá buscar outro olhar da história, como diz Mignolo (2020) “à procura de uma outra lógica”.

O protestantismo de missão é composto por confissões de fé que têm suas origens no continente europeu. O metodismo, por exemplo, surgiu na Inglaterra no século XVIII, enquanto a primeira igreja presbiteriana teve origem na Escócia século XVII. Os congregacionais, por sua vez, remontam ao século XVI, e advém da Inglaterra, após o movimento reformista dos puritanos. A gênese dos batistas é a mais controversa com pelo menos três teorias sobre o assunto. No entanto, vamos seguir a teoria mais aceita pelos pesquisadores, que afirmam o surgimento no século XVII na Inglaterra. Em linhas gerais, esse é o protestantismo que se espalhou para os Estados Unidos e, a partir da segunda metade do século XIX, começou a migrar para o Brasil.

Esse protestantismo é caracterizado por ser branco, europeu e patriarcal, não aceitando lideranças femininas. Durante séculos, não houve liderança negra nesses movimentos. Como mencionado anteriormente, essas confissões se dividiram em relação à questão da escravidão, com apoiadores e abolicionistas. Portanto, a colonialidade do Ser opera nessa última questão. De acordo com Borges (2018), a colonialidade do Ser, estabelece-se como a base do racismo na pós-modernidade, que se manifesta não apenas em termos raciais, mas também as religiões marginais.

Conforme Alencar (2010), este protestantismo é predominantemente proselitista e poderíamos até dizer que é exclusivista, no sentido de que a salvação estaria restrita ao seu grupo e à sua mensagem, talvez demonstrando certa intolerância para alguns. Por outro lado, Rivera (2007) explora a ideia de demonização da religião alheia assim como as severas críticas feitas por esse protestantismo à religião católica devido às imagens esculpidas em seus templos, considerando-as uma forma de adoração aos demônios e uma ruptura com o monoteísmo cristão.

O resultado dessas características no século XIX não poderia ser diferente: intolerância religiosa, racismo de gênero e religioso, supremacia branca, eurocentrismo e uma hierarquia da vida moderna, entre outros aspectos. Não ser europeu, norte-americano, masculino, cristão e protestante no Brasil do século XIX, não era apenas “ser diferente”, mas significava ser o “outro” no sentido de ser subalterno, marginalizado, e, portanto, deveria buscar uma

adequação (conversão), como mencionado por Cunha ao citar Anibal Quijano.

A colonização do poder e seus desdobramentos sobre ser (na subjetividade) e o saber (na epistemologia) não são provenientes somente da Europa, mas também dos Estados Unidos, do Norte global ou qualquer lugar que almeja estender os seus tentáculos de dominação sobre o outro com o objetivo de estabelecer a hegemonia de uma única cultura. (CUNHA, 2021, p. 137).

Este protestantismo valorizava exclusivamente a sua própria cultura, não se adequar aos padrões “europeus ou norte-americanos” é ser demonizado por ele. Alencar (2010) menciona o livro do antropólogo Rubem César Fernandes (1977) que se destaca o seguinte aspecto: *protestantismo + dependência estrangeira = descontinuidade cultural*. Vale sublinhar que não estamos generalizando essa afirmação para todo o protestantismo, pois alguns grupos, como apontado pelo autor, surgiram justamente em oposição ao caráter estrangeiro, como a Presbiteriana Independente, O Brasil para Cristo, entre outras.

No século XIX, esse protestantismo norte-americano, não buscava se aproximar da cultura nacional, pelo contrário, pretendia impor a sua própria cultura. Hoje em dia, quando observamos esse protestantismo, talvez a maior dificuldade seja diferenciar a mensagem de Cristo da cultura europeia, pois ambas hoje parecem estar amalgamadas no protestantismo brasileiro.

A teologia trazida pelos protestantes europeus e norte-americanos, deixou de abordar em suas reflexões a marginalização, a periferia e a opressão. Cappelletti (2019, p.173) acrescenta: “essa teologia europeia, não descobriu o pecado da dominação desde o século XV. Ao não descobrir esse pecado, não descobriu que tipo de totalização a história humana realizou nos últimos cinco séculos”. O autor supõe que estas teologias foram incapazes de identificar e denunciar esse pecado e, se assim foi, são, no mínimo passíveis de revisão ou rejeição. Ampliando a discussão e a compreensão Cappelletti cita Dussel:

Se defino mal o pecado, defino mal o processo de libertação. Se descubro o verdadeiro pecado, então também enquadro minha reflexão numa libertação que é total e mundial. Pois bem, a questão deve ser posta assim: a teologia europeia pensou que o ser-cristão é um ser-europeu-cristão. Qualquer outro tipo de ser-cristão se lhe escapou (DUSSEL, 1995, p.40. *apud* CAPPELLETTI, 2019, p.173)

Ao considerarmos o cristianismo em todas as suas vertentes, tanto católicas quanto protestantes, Mignolo, diz que: “cristianismo tornou-se o primeiro projeto global do sistema mundial colonialidade/ modernidade e, conseqüentemente, a âncora do ocidentalismo e da colonialidade do poder que traçou as fronteiras externas da diferença colonial” (MIGNOLO, 2020, p.46). Essa imposição de uma cultura padrão e universal, (monocultura) vai na contramão das teorias decoloniais que valoriza e enxerga beleza na pluricultura, Santos (2010), destaca dois conceitos-chave: multiculturalismo que pressupõe a existência de uma cultura dominante que aceita, tolera ou reconhece a existência de outras culturas no espaço cultural e a interculturalidade, que pressupõe o reconhecimento recíproco e a disposição para o enriquecimento mútuo entre várias culturas que compartilham um determinado espaço cultural.

Este pode ser um caminho de diálogo para o protestantismo: a interculturalidade, considerando outras perspectivas, fontes de conhecimento e praticando, uma teologia pública e libertadora. Uma abordagem que não seja racista nem exclusivista, mas acolhedora aberta ao outro, entendendo o “outro” como o próximo a quem Jesus ordenou a amar (Marcos 12.31), e disse mais, “que não há mandamento maior que este”. As teorias decoloniais desafiam o protestantismo, convidando-o a refletir sobre a mensagem da cruz e a voltar-se para o profetismo bíblico, que denuncia injustiças, racismo, exploração e a dominação do homem sobre o homem. O amor é a lei suprema da vida e deve ser essência de qualquer religião. Essa deve ser a busca do protestantismo, uma fé relevante, significativa e transformadora.

Como propagador do cristianismo, o protestantismo de missão deve encontrar em Jesus Cristo o modelo de liberdade e libertação para todas as pessoas., qualquer expressão do cristianismo que esteja enraizada em Jesus deve rejeitar o racismo, a exploração, injustiça social e a desigualdade, reconhecendo todos os seres humanos como irmãos e filhos de um único Pai. O espírito que o protestantismo deve incorporar é aquele que se expressa na oração do Pai Nosso, onde compartilhamos o pão com os irmãos e aprendemos que o Pai é nosso e não meu, o pão é nosso e não meu, sobretudo com um espírito de partilha, solidariedade companheirismo e mutualidade.

Entretanto, as diferentes formas de colonialidade resultam em um processo de invisibilidade do outro, levando à exclusão, humilhação, discriminação e à manifestação de vários tipos de preconceitos. Tudo isso é expresso, como afirma Mignolo (2020), como colonialidade do poder, do ser e do saber. Este, último que será tema do nosso próximo tópico de discussão.

3.1 Colonialidade do Saber

Após refletir sobre algumas questões fundamentais relacionadas à colonialidade do poder e do ser, é hora de abordar a relação fundamental entre protestantismo e a colonialidade do saber. Nesse contexto, uma consideração importante é mencionada por Borges no desenvolvimento de seu conceito:

dimensão epistêmica da colonialidade do poder expressa na hierarquização de conhecimento e formas de produzi-los, os conhecimentos que são aplicados em rituais religiosos indígenas e afro-brasileiros são considerados não científicos. A visão de mundo presente nas religiões indígenas e afro-brasileiras, mesmo quando estudadas, são desconsideradas ou vislumbradas como folclóricas. Seus conhecimentos religiosos são tomados como inferiores às teologias cristãs. (BORGES, 2018, p. 2266)

Estamos diante de uma hierarquia do saber que abrange questões raciais e epistêmicas. O protestantismo, consciente ou inconsciente, utilizou sua teologia e cultura para exercer domínio e poder sobre outros. Se o protestantismo almeja ser decolonial, precisa se abrir e dialogar com outras possibilidades. Suas “certezas e afirmações” devem ser abordadas e discutidas de uma perspectiva inclusiva, tolerante e inconclusa, uma vez que sua postura atual favorece e revela desigualdade e injustiça social enraizadas no colonialismo.

Fazer essa associação entre protestantismo e teorias decoloniais pode ser considerado ousada, mas é um esforço para construir diálogos e dar voz a outros grupos que foram subalternizados silenciados e ignorados por esse projeto colonialista. Assim como foi possível colonizar o protestantismo e sua teologia, também é possível decolonizá-lo. A decolonização é um processo que se forma na consciência, mas não se restringe apenas ao pensamento, também envolve a ação decolonial.

Mendonça (2008) destaca o processo de migração de protestantes norte-

americanos para o Brasil. Ele informa que essas missões estrangeiras enviavam evangelistas e educadores com três propósitos principais: primeiro, para manter o culto a seus iguais e educar seus filhos, segundo, com a intenção de converter os brasileiros, e por último, porque acreditavam que poderiam transformar o país por meio da educação que traziam, uma educação com características liberais e individualistas. Entretanto, esse empreendimento ignorou os saberes que já existiam no Brasil, invisibilizando-os e presumindo que havia nada de bom e útil neles, simplesmente porque não faziam parte de uma cultura norte-americana ou eurocêntrica. Isso reflete a colonialidade do saber, em que não houve busca pelo diálogo, mas sim uma imposição, revelando assim um sistema de desigualdade e injustiças sociais.

A Colonialidade do Saber nos revela, ainda, que, para além do legado de desigualdade e injustiça sociais profundos do colonialismo e do imperialismo, já assinalados pela teoria de dependência e outras, há um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias. Como nos disse Walter Mignolo o fato de os gregos terem inventado o pensamento filosófico não quer dizer que tenham inventado o Pensamento. O pensamento está em todos os lugares onde os diferentes povos e suas culturas se desenvolveram e, assim, são múltiplas as epistemes com seus muitos mundos de vida. Há, assim, uma diversidade epistêmica que comporta todo o patrimônio da humanidade acerca da vida, das águas, da terra, do fogo, do ar, dos homens. (LANDER, 2005, p. 03)

Um último aspecto relacionado à colonialidade do saber é destacado por Panotto (2019, p.42), ao abordar a ideia de que a construção do conhecimento abrange diversos parâmetros, como a academia, a escola, os intelectuais e, mais concretamente, os diversos processos de avaliação epistemológica.

3.2 Teorias Decoloniais uma Alternativa para o Diálogo Inter-Religioso

O diálogo proposto por esses dois movimentos pode contribuir para a percepção de outros caminhos possíveis e para uma teologia contextualizada, também conhecida como “teologias do sul”. Compreender que os saberes não se restringem ao mundo acadêmico de produção, aos livros, as técnicas; as linguagens e também os saberes das mais diversas tradições subalternizadas é fundamental para um pensamento decolonial e também para considerar outras alternativas. Isso envolve o reconhecimento das epistemologias marginais latino-

americanas, abrindo caminho para uma nova maneira de fazer teologia, que se baseia na libertação da opressão do eurocentrismo, capitalismo e colonialismo. Essa é uma teologia da resistência forjada na luta por justiça social e paz.

O desafio para o protestantismo brasileiro não se limita apenas pensar e dialogar com teorias decoloniais, mas também a pensar a decolonialidade e a teologia a partir de um contexto latino-americano. Algumas teologias latino-americanas têm dado os primeiros passos nessa direção, mesmo que de forma incipiente. Essas teologias estão abertas ao diálogo ecumênico e ao diálogo inter-religioso. É importante reconhecer que já existem outras frentes e discussões mais avançadas, mas esses são os primeiros passos a serem dados. Por exemplo, já a discussões avançadas sobre inter-fé, cosmo-vivências, cosmo-existência dentre outras.

Conforme afirma Padilla (2009, p. 130) diz que “ser cristão ecumênico é comprometer-se com a construção de um mundo de justiça, paz e integridade da criação”. Isso implica em buscar fraternalmente a superação das divisões entre as diversas religiões, por meio do conhecimento e do reconhecimento da sua legitimidade. Mondin (1980, p.13) menciona que: “A história atesta, portanto, que o Cristianismo, no início, foi um poderoso fermento de libertação e sempre o foi através dos séculos, porquanto permaneceu fiel a si mesmo, ou seja, ao exemplo e ao ensinamento de seu Fundador”.

Consideramos que essa possível relação e diálogo entre protestantismo e as teorias decoloniais têm o potencial de trazer benefícios significativos tanto para a área de pesquisa em Ciências da Religião quanto para a sociedade brasileira como um todo. Do mesmo modo, a metodologia é um aspecto que deve ser cuidadosamente considerado pelo protestantismo brasileiro. Décio e Usarski (2013, p. 655-656) mencionam uma possível contribuição, o entrelaçamento e valorização dos saberes: “do teólogo se exige uma suspensão do ateísmo, um “teísmo” metodológico – que deixe sua eventual descrença pessoal entre parênteses e pressuponha a via mística ou a espiritualidade como condutores de autoconhecimento e de inteligência da raiz ontológica da realidade”.

Os apontamentos e sugestões apresentados neste texto representam possibilidades de trajetos a serem explorados nas respectivas temáticas.

Reconhecemos com grande é o desafio diante de nós, um caminho a ser trilhado que está sujeito a comprovações e revisões contínuas. Este empreendimento é novo e está aberto a constantes revisões e críticas.

4. Protestantismo e as Epistemologias do Sul

Existem várias caricaturas para o protestantismo brasileiro, mesmo dentro de uma única confissão de fé, como é o caso dos Batistas. Entre eles, encontramos os batistas tradicionais, batistas renovados, batistas regulares, batistas independentes e muitos outros. Ao observarmos o protestantismo brasileiro, podemos dizer que ele é plural, ambivalente, ambíguo multifacetado e multiforme. Não obstante, também é possível identificar que esse protestantismo de missão que chegou no Brasil na segunda metade do século XIX, tem suas origens na América Norte e é influenciado principalmente pelo Norte, seja nos Estados Unidos ou na Europa.

É necessário salientar que esse protestantismo carrega em seu imaginário uma concepção definida do Divino, da vida e morte, existência e pós-morte, que aborda um dos grandes dilemas existenciais: “de onde vim, porque aqui estou e para onde vou”. Esses questionamentos são respondidos e compreendidos pelos grupos protestantes de maneira satisfatória. Apesar disso, surge a grande questão: de onde vêm essas respostas? Quem as forneceu? Devem ser consideradas universais? São passíveis de questionamentos?

Toda essa compreensão de mundo, incluindo questões universais e espirituais, foi originada no Norte Global, termo cunho pelo sociólogo Boaventura Santos, que levanta sua voz, que destaca um conceito importante sobre as epistemologias do sul. Santos (2018) diz que: “as epistemologias do Sul “ocupam” o conceito de epistemologia, com o fim de ressignificá-lo como um instrumento para interromper as políticas dominantes do conhecimento.” (SANTOS, 2018, p. 301). Fica evidente que o protestantismo norte-americano, ao chegar ao Brasil carregava consigo uma epistemologia do norte. Outrossim, acreditava que o conhecimento trazido por eles era superior e o único correto, estabelecendo assim um conhecimento dominante, fechado às perspectivas do outro ou do diferente.

Nas palavras de Alves (1982, p. 38), o protestantismo se autodefine como o espírito da liberdade, da democracia, da modernidade e do progresso. Esse é o espírito do protestantismo trouxe consigo ao chegar ao Brasil. Em suma, a elite intelectual da época buscava o progresso do país e via no protestantismo a possibilidade de alcançá-lo. Esse grupo tinha o desejo de estabelecer a modernidade e o progresso, acreditando que isso só seria possível por meio do protestantismo, uma vez que o progresso e a modernidade eram associados ao Norte, de onde esse grupo originava. Contudo, as epistemologias do Norte contribuem para reproduzir o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Segundo Alves (1982, p. 42), o espírito protestante possui semelhanças estruturais com o espírito do capitalismo, adaptando-se e sendo adequado à sua expansão.

Se o protestantismo contemporâneo deseja ser relevante em seu tempo e engajar-se nos debates públicos, é necessário que ele esteja aberto ao conhecimento proveniente de outras fontes e reconheça não apenas os saberes epistêmicos do Norte, mas também os saberes do Sul ou melhor, os “suis” como define Santos (2018, p. 301). Esse “Sul epistemológico”, não geográfico, é composto por diversos “suis epistemológicos” que compartilham a origem em lutas contra o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Aqui surge o desafio para o protestantismo: reconhecer esses saberes como válidos, provenientes de outras culturas que não se restrinjam ao Norte Global.

Segundo Santos (1995), “há três orientações fundamentais para uma epistemologia do Sul; reconhecer a existência do Sul; buscar ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul [...]” (apud SANTOS, 2009, p.09). Portanto, o protestantismo precisa dialogar e reconhecer que existe uma teologia que emerge das margens, dos países chamados terceiro mundo, subdesenvolvidos e subalternos, dos povos colonizados. Nestes lugares, sempre houve uma produção de conhecimento, embora nunca tenha sido reconhecida como tal.

Durante muito tempo, as epistemologias do Norte mantiveram o monopólio dos saberes e dos conhecimentos considerados verdadeiros. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais ainda hoje exista relutância entre as diferentes confissões protestantes em relação a teologias produzidas nos “suis globais”, como é o caso das teologias latino-americanas, incluindo as teologias

da libertação e teologia da missão integral. Em tempos em que nos deparamos com perguntas desafiadoras e respostas insuficientes, torna-se essencial “descolonizar” o poder, o saber e o ser, para levar adiante as indagações apresentadas pelas teorias decoloniais. O objetivo é despertar o interesse pela pesquisa e manter-nos firmes na luta por uma transformação, tornando-se mais justa e igualitária.

5. Considerações Finais

Enfim, a ambiguidade e a ambivalência estão presentes na essência do protestantismo, tanto em sua origem no século XVI na Europa, como na formação do protestantismo norte-americano a partir do século XVII. Todavia, essa característica se torna ainda mais evidente no Brasil, um país conhecido por sua diversidade, pluralidade e capacidade de acolhimento. Não é nossa pretensão aqui sugerir que o protestantismo e teorias decoloniais tenham respostas prontas para os conflitos existentes no âmbito religioso, mas indicar possíveis caminhos que possam contribuir para a reconciliação e a resolução desses conflitos.

Não pretendemos fazer previsões sobre um possível encontro entre esses dois movimentos, pois seria um erro fatal de nossa parte. Somos impulsionados pela utopia de sonhar com um protestantismo decolonial que seja ambivalente, pluralista, libertário, nem preto nem branco, que não se limite a uma única visão, aberto a cosmo-vivências e cosmo-existência, um protestantismo marginal, aberto ao diálogo e engajado nas questões ecológicas e contemporâneas. Que estabeleça relações interdisciplinares com outros saberes, que retorne aos espaços públicos de forma relevante e comunitária, aberto a novos diálogos e novos sujeitos. Almejamos um protestantismo capaz de discernir os mecanismos de exploração, dominação e sujeição, e que motive a ação contra esses sistemas, produzindo uma teologia fundamentada no amor, na fraternidade, no diálogo e em uma espiritualidade libertadora, emancipatória e recíproca.

Quanto à esperança, que as respostas venham dos pesquisadores que já estão há mais tempo envolvidos nessas questões. Cunha diz que o diálogo entre a teologia e o pensamento decolonial ainda é limitado aos ambientes

acadêmicos de forma tímida e incipiente. Entretanto ele mantém a expectativa ao dizer:

A nossa esperança é que o tema avance para além dos aspectos acadêmicos, reconheça as práticas decoloniais existentes nos espaços para além da academia e alcance efetivamente as Igrejas e a sociedade, testemunhando ao mudo um fazer teológico solidário e compromissado com o bem comum. (CUNHA, 2021, p. 145).

Nessa mesma perspectiva é possível acrescentar o pensamento do pesquisador e cientista da religião, Baptista (2016, p. 504): “se a religião, de modo especial aqui o cristianismo, foi parte do processo colonizador, especialmente em Abya Yala, ela pode também ser decolonizadora.” Esse artigo é um convite ao debate, tanto para protestantes quanto para pesquisadores. Nosso objetivo não é gerar polêmicas, mas sim estimular a pesquisa, reconhecendo que não temos todas as repostas e que é fundamental para o protestantismo contemporâneo dialogar com pressupostos que muitas vezes são considerados imutáveis. É importante destacar que o diálogo entre o protestantismo e as teorias decoloniais é relativamente recente e está sujeito a revisões e críticas constantes.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniuum**: hipótese da (não) contribuição evangélica à cultura brasileira. 3 ed. São Paulo. Arte Editora, 2010.

ALVES, Rúbem Azevedo. **Protestantismo e repressão**. São Paulo. Editora. Ática. 1982.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. **Pensamento Decolonial, Teologias Pós-decoloniais e Teologia da Libertação**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/316726496_PENSAMENTO_DECOLONIAL_TEOLOGIAS_POS-COLONIAIS_E_TEOLOGIA_DA_LIBERTACAO. Acesso em: 12 jul. 2022.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Almeida revista e corrigida. 4.ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

BORGES, Ângela Cristina. **Colonialidade do ser e sustentação do racismo**: entendimento à luz de Maldonado-Torres. comunicação SOTER, 2018. Disponível em: https://pucminas.instructure.com/courses/89265/files/5724353?module_item_id=2241357. Acesso em: 12 jul. 2022.

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. Tradução Israel Belo de Azevedo, Valdemar Kroker. 3 ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CAPPELLETTI, Paulo. **Encontros das Teologias Latino-americanas**: Teologias da Libertação e Teologia da Missão Integral. Londrina: Descoberta, 2019.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Encontros decoloniais, entre o Bem Viver e o Reino de Deus**. Campinas. Saber Criativo, 2019.

CUNHA, Carlos Alberto Motta. **Teologia e Pensamento Decolonial**: em busca de novos lugares para emancipação da fé cristã. Interações, Belo Horizonte, Brasil, v.16, n.01, p. 132-148, jan/jun.2021. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/view/23201/18021>. Acesso em: 03 jul. 2023.

DÉCIO, João Passos. USARSKI, Frank. **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo. Paulinas. 2013.

DUTRA, Paulo César. **Vítimas da Guerra da Secessão nos EUA, fugiram para o Brasil**. Folha Diária. 05.02.2021. Acesso em 08.07.2022. Disponível em: <http://www.folhadiaria.com.br/materia/54/3564/paulo-cesar-dutra/vitimas-da-guerra-da-secessao-nos-eua-fugiram-para-o-brasil#.YshtnXbMlrg>. Acesso em: 03 jul. 2023.

FERNANDES, Rubem César. **O debate entre sociólogos a propósito dos pentecostais**. In Cadernos do ISER6, 1977.

GOLDMAN, Frank P. **Os pioneiros no Brasil: educadores, sacerdotes e reis**. Tradução de Olivia Krahenbuhl. São Paulo, Pioneira. 1972.

LANDER, Edgardo. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. (org). Coleccion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**. 3 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar**. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. 1º Ed. Ver. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

MONDIN, Batista. **Os teólogos da libertação**. Tradução Hugo Toschi. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

NITZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

PADILLA, René C. **O que é missão integral?** Viçosa, MG. Ultimato, 2009.

PANOTTO, Nicolás. *Descolonizar o saber teológico na América Latina: Religião, educação e teologia em chaves pós-coloniais.* São Paulo: Recriar, 2019.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (org.). **Compêndio de Ciência da Religião.** São Paulo: Paulinas; Paulus, 2013.

RIBEIRO, Bonerges. **Protestantismo e Cultura Brasileira:** aspectos culturais da implantação do Protestantismo no Brasil. São Paulo. Casa Editora Presbiteriana. 1981.

RIBEIRO, Bonerges, **Protestantismo no Brasil Monárquico, 1822-1888:** aspectos culturais de aceitação do protestantismo no Brasil. São Paulo, Pioneira, 1973.

RIVERA, Dario Paulo Barrera. **O demônio e o protestantismo no mundo em desencantamento.** Estudos da Religião, Ano XXI, n° 33, p.42-58, jul/dez 2007. Disponível em: <file:///C:/Users/Alexandre/Downloads/Dialnet-ODemonioEOProtestantismoNumMundoEmDesencantamento-6342750.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Construindo as epistemologias do sul:** Antologia Esencial. *E-book.* Buenos Aires: Clasco. 2018. Disponível em: [https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia Boaventura PT1.pdf](https://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Antologia%20Boaventura%20PT1.pdf). Acesso em: 03 jul. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. MENESES, Maria Paula (org). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almeida S/A. Jan. 2009.